

Goiás enfrenta hanseníase

Goiânia (Sucursal) — Goiás não conta com estatísticas precisas sobre a incidência da hanseníase em seu território. A Organização de Saúde do Estado de Goiás (Osego) conta 12 mil casos comprovados da doença, que estão sob tratamento e orientação médica. "Esses dados, no entanto, não refletem a realidade", admite o médico José Brito Ladislau, coordenador da Unidade de Doenças Transmissíveis e que responde pelo Programa de Combate à Hanseníase. Dados extraoficiais indicam a existência de 25 a 30 mil portadores desse mal.

O médico José Ladislau cita o preconceito secular — a doença era apontada como uma maldição, desde os tempos bíblicos — como causa principal pelo grande número de casos que não chega ao conhecimento das autoridades sanitárias e, por isso mesmo, fica sem tratamento. Essas pessoas deixam de receber assistência, a doença fica crônica e estabelece o contágio.

REJEIÇÃO

"É comum uma pessoa que contraiu a hanseníase se isolar. É o medo da rejeição pela sociedade". Esse mesmo preconceito, segundo o coordenador do Programa de Combate à Hanseníase, leva à desinformação, já que a doença é um tema tabu, que ninguém gosta de falar a respeito. "Então as pessoas que contrairam o mal de Hansen não sabem quais são os seus sintomas e não procuram tratamento médico, o que dificulta a descoberta de novos casos". A maior concentração de hansenianos do Estado está nesta Capital, a Colônia Santa Marta, implantada na periferia da cidade na década de 1950 — abrigando hoje cerca de 600 pacientes. As áreas de maior incidência da hanseníase são a

Capital, Anápolis e Jataí, mas José Ladislau faz um esclarecimento quanto ao caso específico de Goiânia: "O grande número de hansenianos registrados nesta Capital é atípico. Para Goiânia convergem pessoas que residem nas cidades do interior e lá contrairam a moléstia e vêm em busca do anonimato, com medo de serem discriminadas em seus locais de origem".

A Osego conta com uma unidade específica para tratamento da hanseníase no Hospital de Doenças Tropicais, além da Colônia Santa Marta, onde vivem hansenianos já curados ou em tratamento pelo sistema ambulatorial. Na grande maioria, são pessoas que se viram rejeitadas pela família e preferem ficar na própria colônia, onde recebem toda assistência.

PREVENÇÃO

O trabalho de prevenção e controle da hanseníase em Goiás consistiu, até então, "numa forma passiva de busca de novos casos pois esperamos que doente contaminado pela hanseníase procure uma unidade de saúde. O trabalho que realizamos até agora foi meramente educativo, treinando e reciclando servidores da Osego e assim possibilitar a descoberta de novos casos", prossegue Ladislau. O coordenador faz uma avaliação satisfatória do que se conseguiu: "Aumentou o número de casos que chegam ao conhecimento das autoridades sanitárias. A média anual de novos, no período entre 1979/85 é de 1.200. Isso não quer dizer que a doença esteja evoluindo no Estado, mas apenas que os doentes passaram a procurar as unidades de saúde em busca de tratamento médico". A maioria dos novos casos foram detectados em sua fase inicial.